Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Artigo original • Revisão por pares • Acesso aberto

Poesia afro-colombiana como narrativa histórica: memória, identidade e resistência em Lorena Torres Herrera

Afro-colombian poetry as historical narrative: memory, identity, and resistance in Lorena Torres Herrera

Poesía afrocolombiana como narrativa histórica: memoria, identidad y resistencia en Lorena Torres

Debora Zoletti **Deise Ellen Caetano Maciel**

Resumo
Este artigo teve o objetivo de salientar a relevância da poesia no resgate de memória coletiva e na valorização de identidades étnicas e culturais afro-colombianas. A análise incide sobre os poemas *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes*, de Lorena Torres Herrera, que funcionam como narrativas históricas ao retratarem experiências comuns às comunidades negras. Fundamentado, sobretudo, em autores como Adichie (2019), Benjamin (2022), Evaristo (2008), Halbwachs (1990) e Souza (1983), este estudo aponta como as supracitadas produções poéticas reforçam elementos culturais afro-colombianos, como as relações com as águas do Pacífico e a herança da diáspora africana. Conclui-se que as obras analisadas promovem o fortalecimento da identidade coletiva, ecoando vozes ancestrais e contribuindo para a desconstrução do cânone literário tradicional, ao mesmo tempo que impulsiona processos de autodefinição e resistência das comunidades negras colombianas por meio da literatura.
Palavras-chave: poesia afro-colombiana; memória; identidade; diáspora africana; herança cultural.

Abstract
This article proposes to highlight the relevance of afro-colombian poetry in reclaiming collective memory and valuing ethnic identities. The analysis focuses on the poems *Atarrayando el olvido* and *Siempre presentes* by Lorena Torres Herrera, which serve as historical narratives by portraying experiences shared by black communities. Grounded in the works of Adichie (2019), Benjamin (2022), Evaristo (2008), Halbwachs (1990) and Souza (1983), the study emphasizes how these literary texts reinforce afro-colombian cultural elements, such as the deep connection with the Pacific waters and the legacy of the African diaspora. The findings suggest that the poetry under analysis strengthens collective identity, amplifies ancestral voices, and contributes to deconstructing the traditional literary canon, while also fostering processes of self-definition and resistance among black communities through literature.
Keywords: afro-colombian poetry; collective memory; ethno-racial identity; african diaspora; cultural heritage.

Resumen
Este artículo objetiva presentar la relevancia de la poesía afrocolombiana en la recuperación de la memoria colectiva y en la valorización de identidades étnicas y culturales afrocolombianas. El análisis se centra en los poemas *Atarrayando el olvido* y *Siempre presentes*, de Lorena Torres Herrera, los cuales actúan como narrativas históricas al retratar experiencias compartidas por comunidades negras. Basado, principalmente, en autores como Adichie (2019), Benjamin (2022), Evaristo (2008), Halbwachs (1990) y Souza (1983), este trabajo demuestra cómo estas obras poéticas refuerzan elementos culturales afrocolombianos, como la relación con las aguas del Pacífico y la herencia de la diáspora africana. Se concluye que la poesía analizada fortalece la identidad colectiva, hace resonar voces ancestrales y contribuye a la deconstrucción del canon literario tradicional, al tiempo que impulsa procesos de autodefinición y resistencia a través de la literatura.
Palabras clave: poesía afrocolombiana; memoria; identidad; diáspora africana; herencia cultural.

Submissão:
16 jun. 2025

Aceite:
04 mai. 2026

Publicação:
10 nov. 2026

Citação sugerida
ZOLETTI, Debora Ribeiro Lopes; MACIEL, D.E.C. Poesia afro-colombiana como narrativa histórica: memória, identidade e resistência em Lorena Torres Herrera. Revista IDeAS, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-23, e026007, jan./dez. 2026.

Licença: Creative Commons - Atribuição/Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

DOI: https://doi.org/10.36920/g32sge52

Introdução

Como todo indivíduo é um ser social, diferentes cidadãos podem compartilhar memórias provenientes de um mesmo contexto histórico e cultural. Dessa maneira, embora um texto rememore as vivências de quem o escreveu, seu conteúdo possui potencial para dialogar com as memórias e identidades de uma coletividade. Assim, ainda que as palavras sejam tecidas de modo individual, as temáticas presentes nos poemas podem refletir inquietações e experiências compartilhadas socialmente.

Logo, tornam-se relevantes reflexões acerca das contribuições da literatura poética para a preservação de fatos históricos e para a construção das identidades individuais e coletivas. Tal perspectiva mostra-se especialmente significativa em produções de comunidades étnico-raciais específicas, como as afro-colombianas, cujas experiências históricas e culturais encontram expressão na poesia.

Diante disso, este estudo buscou compreender de que modo os poemas *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes*[1], de Lorena Torres Herrera, podem atuar como narrativas históricas e espaços de preservação da memória coletiva. Para isso, investiga-se como as subjetividades expressas pelo eu lírico estabelecem relações entre experiências pessoais e compartilhadas, contribuindo para a construção, a valorização e a resistência das identidades afro-colombianas por meio da linguagem poética.

A metodologia deste trabalho insere-se em uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, orientada por uma perspectiva crítica decolonial. Então, a pesquisa privilegiou o estudo situado do *corpus*, em diálogo com as condições históricas, culturais e geopolíticas que atravessam as produções literárias analisadas.

No que concerne aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em aportes teóricos das áreas de estudos literários, memória coletiva e pensamento crítico decolonial. A análise desenvolve-se por meio de uma leitura hermenêutico-crítica dos poemas

[1] Os poemas *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes*, de Lorena Torres Herrera, encontram-se na *Antología de Mujeres Poetas Afrocolombianas* (2010), que integra a Biblioteca de Literatura Afrocolombiana e corresponde à segunda parte da antologia *¡Negras Somos! Antología de 21 Poetas Afrocolombianas de la Región Pacífica* (2008). Ambas as antologias têm como editores e compiladores Guiomar Cuesta e Alfredo Ocampo.

Atarrayando el olvido e *Siempre presentes*, de Lorena Torres Herrera, considerando-os como produções discursivas atravessadas por experiências históricas e por processos de construção identitária afro-colombiana.

Nessa perspectiva, a interpretação não se orienta por pretensões de universalização, mas pela compreensão das relações entre linguagem, memória e poder, reconhecendo o caráter situado e implicado do olhar analítico. Assim, o estudo buscou salientar como os textos literários analisados operam como narrativas históricas e como dispositivos de resistência, contribuindo para a valorização de epistemologias e experiências historicamente marginalizadas.

1. História, narrativa e poder

A necessidade de registrar e de partilhar experiências de vida por meio da linguagem artística inquieta os seres humanos ao longo de diferentes temporalidades[2] e contextos socioculturais. Manifestações como as pinturas rupestres — presentes em distintas regiões do mundo — evidenciam que a comunicação e a inscrição simbólica das experiências humanas não se restringem à escrita alfabética. Tais expressões constituem registros significativos de vivências coletivas, possibilitando o acesso a aspectos socioculturais de diferentes grupos humanos ao longo do tempo. Assim, essas produções podem ser compreendidas como formas legítimas de narrativa e de preservação de memória, ainda que situadas fora dos modelos historiográficos tradicionais.

Partindo dessa compreensão ampliada de narrativa, que não se limita aos modelos escritos nem aos gêneros tradicionalmente reconhecidos como históricos, convém questionar: seriam as produções do gênero literário narrativo as únicas a serem classificadas como narrativas históricas? A literatura poética, mesmo pertencendo ao gênero lírico, também poderia constituir narrativa histórica? Por quê?

Objetivando responder às questões anteriormente apresentadas, torna-se necessário refletir crítica e concisamente sobre história, narrativa, narrativa histórica e literatura poética. Para isso, tais reflexões são articuladas entre si e direcionadas, sobretudo, às provocações de caráter político e sociocultural que as atravessam.

No que se refere à história, Walter Benjamin, em suas teses reunidas na obra *Sobre o conceito de história* (1940), propõe reflexões que conduzem à compreensão histórica por meio de análises que questionam a organização temporal linear e progressiva dos acontecimentos (Benjamin, 2022). Dessa

[2] O uso de categorias amplas como "Pré-História", frequentemente mobilizadas para designar períodos anteriores à escrita, tem sido problematizado por perspectivas críticas por seu caráter eurocentrado, uma vez que tende a hierarquizar formas de produção de conhecimento ao privilegiar registros escritos em detrimento de outras formas de memória e expressão e, por esse motivo, evita-se o uso de tal termo.

maneira, o filósofo defende que a história não possui natureza evolutiva, estática ou intocável. Ao contrário, além de possibilitar a percepção dos resquícios do passado no presente, o próprio tempo presente também interfere na compreensão dos acontecimentos transcorridos. Assim, para Benjamin (2022), os fatos históricos podem ser pensados e interpretados de maneira descontínua.

Esse exercício de pensamento, que contraria a lógica ocidental de organização espaçotemporal, mostra que as "brisas" da história não se deslocam unicamente em direção ao presente. Oriundas de diferentes lugares, elas se espalham, misturam-se e se fragmentam, tornando-se múltiplas. Desse modo, conforme o percurso traçado por essas "brisas", as percepções acerca do passado sofrem interferências; em outras palavras, a visão anteriormente construída sobre os acontecimentos históricos não permanece intacta.

Por essa razão, torna-se oportuno examinar, no presente, cada uma dessas "brisas-narrativas", buscando compreender suas origens, os vestígios do passado que carregam e aquilo que se perde ao longo do caminho. Assim, Walter Benjamin instiga a investigação dos aspectos históricos deliberadamente apagados ao longo do tempo, bem como das intenções daqueles responsáveis por tais apagamentos, aos quais se refere como "inimigos":

> Articular historicamente o passado não significa reconhecê-lo "tal como ele foi". Significa apoderarmo-nos de uma recordação (*Erinnerung*) quando ela surge como um clarão num momento de perigo. Ao materialismo histórico interessa-lhe fixar uma imagem do passado tal como ela surge, inesperadamente, ao sujeito histórico no momento do perigo. O perigo ameaça tanto o corpo da tradição como aqueles que a recebem. Para ambos, esse perigo é um e apenas um: o de nos transformarmos em instrumentos das classes dominantes. Cada época deve tentar sempre arrancar a tradição da esfera do conformismo que se prepara para dominá-la. Pois o Messias não vem apenas como redentor, mas como aquele que superará o Anticristo. Só terá o dom de atiçar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver apreendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer (Benjamin, 2022, p. 11-12).

A esse respeito, é relevante destacar que, ao ressaltar as implicações da classe social dominante nas produções narrativas que constroem, disseminam e institucionalizam perspectivas tendenciosas, Walter Benjamin instiga análises capazes de "[...] escovar a história a contrapelo" (2022, p. 13), isto é, de revelar e examinar conteúdos factuais dos "vencidos", propositalmente

ocultados e silenciados entre os vestígios de objetos e documentos culturais que reverenciam apenas os feitos dos "vencedores".

Nessa perspectiva, Benjamin (2022, p. 13) afirma que "não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie", uma vez que determinados monumentos culturais podem contribuir para a manutenção de imaginários sociais que legitimam, celebram e perpetuam narrativas produzidas pelos chamados "vencedores". Tais narrativas frequentemente obscurecem violências, disputas de poder e as múltiplas experiências históricas dos "vencidos".

Um exemplo disso encontra-se na *Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil*, escrita em 1500. Nesse documento, estão registradas impressões sobre o território brasileiro e os povos originários que nele viviam, durante o período da chegada das embarcações portuguesas.

A referida carta pode ser compreendida, simultaneamente, como documento de cultura e de barbárie, pois o retrato histórico nela construído fundamenta-se em parâmetros eurocêntricos. As descrições acerca dos costumes, crenças e modos de vida indígenas são atravessadas pela visão de mundo do colonizador português, o que inferioriza aspectos culturais não europeus e produz uma representação parcial e distorcida desses povos.

Nesse contexto, torna-se pertinente estabelecer um breve diálogo entre as contribuições teóricas de Walter Benjamin e os escritos da intelectual nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que declara o seguinte:

> É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior do que o outro". Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder" (2019, p. 22-23).

Ao refletir sobre as relações entre história, narrativa e poder, Chimamanda Ngozi Adichie expõe a necessidade de questionar crítica e intencionalmente os discursos produzidos pela ótica homogênea da classe dominante. Segundo a autora, tais grupos constroem e difundem narrativas que favorecem seus próprios interesses, determinando quais histórias serão contadas, legitimadas e preservadas.

Por essa razão, destaca-se a importância de ouvir e reconhecer as vozes historicamente silenciadas, daqueles denominados por Walter Benjamin como "vencidos", ampliando o olhar para a multiplicidade das experiências históricas. Essa perspectiva mostra-se relevante porque, conforme afirma

Adichie (2019, p. 33), "[...] quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso.". Assim, as narrativas tornam-se pontes capazes de aproximar diferentes memórias, sujeitos e formas de existência.

De modo consonante, considerando que "[...] a narratividade é o que marca, organiza e esclarece a experiência temporal; e que todo processo histórico é reconhecido como tal na medida em que pode ser recontado" (Kearney, 2012, p. 413), compreende-se que a invisibilização das narrativas de grupos socialmente subjugados, como as populações negras latino-americanas, favorece o apagamento de suas experiências históricas ao longo do tempo.

Esse processo resulta, em grande medida, do uso da narrativa como instrumento de poder, empregado historicamente pela colonialidade para construir identidades étnicas estereotipadas, inferiorizadas e dissociadas de suas próprias memórias e trajetórias históricas. Dessa forma, não se pode ignorar a realidade do epistemicídio ao se pensar criticamente a narrativa histórica. Conforme a filósofa, escritora e ativista brasileira Sueli Carneiro (2005, p. 97):

> [...] o epistemitemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimarão do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc.

Baseando-se nessa asserção, compreende-se que o epistemicídio constitui um projeto cuidadosamente estruturado, que não se limita à aniquilação das produções narrativas de grupos socialmente subjugados. Além disso, estende-se ao impedimento do acesso desses sujeitos à produção de novos conhecimentos intelectuais e culturais, sobretudo daqueles fundamentados em suas próprias cosmovisões. Desse modo, o epistemicídio contribui para a consolidação de um monopólio cultural etnocêntrico,

responsável por legitimar determinadas formas de saber em detrimento de outras.

Entretanto, embora historicamente invisibilizem e desvalorizem as contribuições dos grupos subjugados, os agentes desse processo frequentemente manipulam, ressignificam e se apropriam de elementos culturais produzidos por esses mesmos sujeitos. Tal contradição revela não apenas as relações de poder que sustentam o epistemicídio, mas também o reconhecimento implícito da relevância cultural e intelectual das produções oriundas desses grupos historicamente marginalizados.

A esse respeito, a título de exemplo, podem-se citar as narrativas históricas perpetuadas acerca do processo de abolição da escravatura no Brasil, ocorrido após mais de três séculos de regime escravocrata. Tais narrativas frequentemente apresentam a Princesa Isabel como a "salvadora" das pessoas escravizadas, ao passo que silenciam o protagonismo e as ações abolicionistas de mulheres e homens negros. Figuras como Dandara e Zumbi dos Palmares ilustram esse apagamento, uma vez que lutaram ativamente contra o sistema ao qual eram violentamente submetidos, encontrando estratégias de sobrevivência, de resistência e de libertação coletiva muito antes do 13 de maio de 1888.

Considerando o exposto, o epistemicídio, como o próprio sufixo da palavra sugere, situa-se no campo da morte simbólica, uma vez que busca exterminar ou deslegitimar o protagonismo das populações subalternizadas em importantes acontecimentos históricos, como nos movimentos abolicionistas.

Posto isso, torna-se igualmente relevante compreender que as narrativas históricas consistem em textos produzidos "[...] a partir de um olhar do indivíduo de hoje sobre um passado, com a visão de um sujeito da atualidade — o historiador — para um passado reconstruído, ou em fase de reconstrução, por parte do presente historiador" (Andrade, 2008, p. 27). Desse modo, a reconstrução do passado não ocorre de maneira neutra ou imparcial, mas é atravessada por perspectivas, interesses e posicionamentos de quem narra a história.

> Longe de ser eticamente neutra, cada história busca nos persuadir, de um jeito ou de outro, sobre o caráter avaliativo de seus atores e de suas ações. Quer abracemos ou não estas situações retóricas e morais, não podemos fingir que elas não estejam presentes no efeito do texto sobre nós. As histórias alteram nossas vidas quando retornamos do texto para a ação. Cada história possui uma carga. E se é verdade dizer que nenhuma história é boa ou ruim, e que o pensamento é que faz dela uma coisa ou outra, isso só vale até certo ponto. Certamente empregamos nossos próprios pressupostos éticos a cada vez que respondemos a uma história, mas sempre temos algo a que responder. A história não se confina apenas à mente

> de seu autor (a falácia romântica da primazia das intenções originais do autor). Nem ela é confinada à mente de seu leitor. Nem tampouco às ações narradas de seus atores. A história existe no jogo interativo entre todos eles. Cada história é um jogo em que entram pelo menos três pessoas (autor/ator/destinatário) e cujo resultado nunca é definitivo. Por esta razão a narrativa é um convite em aberto à responsividade ética e poética. O contar histórias nos convida a nos tornarmos não apenas agentes de nossas vidas, mas também narradores e leitores (Kearney, 2012, p. 429-430).

Compreende-se, com tal fragmento, que história, narrativa e poder estão social e politicamente atrelados. Os recursos linguísticos mobilizados na construção de um texto — como as escolhas lexicais e os elementos coesivos, enfáticos e retóricos — não são neutros.

Do mesmo modo, nas narrativas históricas, tanto a seleção dos eventos narrados quanto os critérios que orientam essa seleção revelam intencionalidades específicas. Além disso, a escolha das personagens, bem como dos papéis que lhes são atribuídos — ou negados —, integra esse processo de construção discursiva. Tais elementos são mobilizados de forma consciente, visando à produção de efeitos de sentido e, muitas vezes, à consolidação de imaginários sociais que contribuem para a manutenção de relações de poder.

Levando em consideração as discussões desenvolvidas até o presente momento, torna-se pertinente refletir sobre a seguinte afirmação da professora, escritora e pesquisadora Conceição Evaristo (2008, p. 8):

> A manipulação da memória pelo poder revela-se pela manipulação da historiografia. A memória e a história que estão registradas são o assentamento do poder. Entretanto, há momentos em que o poder permite frinchas por onde interpenetram a memória e a história que ele mesmo quer ver sufocadas.

A partir dessa reflexão, é possível inferir que os escritos poéticos podem constituir importantes agentes de evidência dessas "frestas". Os poemas que assumem o compromisso de revisitar acontecimentos históricos nos quais indivíduos negros foram protagonistas desconstroem estereótipos e narrativas cristalizadas sobre suas identidades. Por meio dessas fissuras permitidas pelo poder, emergem versões alternativas dos acontecimentos históricos, como ocorre nos poemas *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes*, analisados posteriormente.

Ademais, Conceição Evaristo (2008, p. 7) afirma que "a palavra poética, ao reconstruir a história, busca pela Mãe África e pelos filhos que foram divididos". Dessa maneira, os versos poéticos possibilitam o contato com

cosmovisões africanas plurais e dialogicamente conectadas. Assim, tais produções viabilizam o acesso a narrativas históricas reconstruídas sob perspectivas que valorizam as experiências e contribuições negras.

À vista disso, reconhece-se a capacidade dos textos líricos produzidos em diáspora de, por meio da linguagem literária, promover o encontro entre leitores e memórias históricas compartilhadas por diferentes comunidades afrodescendentes. Desse modo, poemas dessa natureza apresentam características próprias das narrativas históricas ao longo de suas estrofes.

Portanto, em resposta às questões anteriormente levantadas, compreende-se que os poemas não são, necessariamente, narrativas históricas em sentido estrito, sobretudo por não possuírem como finalidade intrínseca o compromisso de relatar fielmente acontecimentos do passado.

Ainda assim, podem atuar de maneira eficaz na reelaboração artística de fatos históricos, especialmente ao apresentar trajetórias, perspectivas e experiências de sujeitos frequentemente invisibilizados pelos documentos oficiais, ou, nos termos de Walter Benjamin (2022, p. 13), "documentos de cultura e de barbárie". Embora escritos por poetas e não por historiadores, determinados poemas assumem a forma de narrativa histórica sob perspectivas dissidentes e contra-hegemônicas.

2. Poemas e identificações afro-colombianas

Lorena Torres Herrera é uma escritora, professora e intelectual negra nascida em Buenaventura, Valle del Cauca, Colômbia, na década de 1960. Sua trajetória acadêmica articula diferentes expressões artísticas e culturais complementares, destacando-se sua formação em Arte Dramática pela Universidad del Valle e sua especialização em Pedagogia do Folclore pela Universidad Santo Tomás (Cuesta; Ocampo, 2010).

As produções líricas de Herrera caracterizam-se pela valorização de cadências que remetem aos instrumentos de percussão e convidam o leitor a experienciar a musicalidade de seus versos. Em seus poemas, o ritmo anfíbraco predominante aproxima-se sonoramente dos tambores, instrumento que evoca ancestralidades africanas e memórias diaspóricas (Cuesta; Ocampo, 2010).

Todavia, os vínculos entre a escrita da poeta e as ancestralidades africanas não se restringem à dimensão métrica ou sonora. As composições *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes* são atravessadas por experiências negras e por narrativas que dialogam com a memória coletiva afro-colombiana.

Cabe salientar que este trabalho não pretendeu realizar uma análise pormenorizada da estrutura estética dos poemas mencionados. As reflexões desenvolvidas concentram-se, sobretudo, nas mensagens manifestadas pelos textos, buscando compreender de que maneira tais composições estabelecem diálogos com as memórias da comunidade afro-colombiana à qual a autora pertence, bem como os modos pelos quais esses diálogos se constituem.

Posto isso, o primeiro poema de Lorena Torres Herrera analisado neste

estudo é *Atarrayando el olvido*. No título da composição, o substantivo feminino "atarraya" — rede de pesca tradicional — aparece associado ao gerúndio, podendo ser compreendido, em tradução livre para a língua portuguesa, como "pescando o esquecimento".

O título não é o único elemento do poema a remeter à água. Ao longo de toda a composição, o mar e, principalmente, o rio aparecem como imagens centrais. A primeira estrofe — também utilizada como estribilho — apresenta o rio como um caminho simbólico em direção ao afastamento da dor, tornando-o um elemento associado à cura, ao recomeço e ao esquecimento do sofrimento vivido pelo sujeito lírico: "El negro cogió su canoa / y metió su canalete al agua / y se fue con el río, / para ver si en algún recodo / podía atarrayar el olvido." (Herrera, 2010, p. 424-427).

Segundo Motta (*apud* Caicedo, 2012, p. 275), para os habitantes do Pacífico colombiano, o rio constitui mais do que um elemento natural: trata-se de um eixo articulador das relações sociais, culturais e identitárias. Além de conectar comunidades e trajetórias coletivas, as águas assumem papel fundamental na construção do pertencimento e das formas de organização social dessas populações.

Atarrayando el olvido não apresenta uma demarcação geográfica explícita. Ainda assim, o simbolismo das águas presente na composição dialoga com os vínculos estabelecidos entre os habitantes da região do Pacífico colombiano e os rios que atravessam esse território, compreendidos como elementos fundamentais para a vida e para a construção identitária dessas comunidades. Considerando que Lorena Torres Herrera é natural de Buenaventura, Valle del Cauca, essa aproximação interpretativa torna-se ainda mais significativa. Dessa maneira, o poema revela-se capaz de refletir aspectos da identidade cultural e das memórias ancestrais compartilhadas pela autora e por seus conterrâneos.

Em consonância com essa perspectiva, *Atarrayando el olvido*, estruturado em treze estrofes e narrado em terceira pessoa, apresenta a relação de um homem negro com sua terra natal e, consequentemente, com suas origens. Esse vínculo é atravessado por um olhar marcado pela dor diante das imagens de destruição que recaem sobre o território em que nasceu e viveu. Em razão desse cenário, o personagem embarca em um rio em direção ao desconhecido, movido pela tentativa de reencontrar um espaço possível de pertencimento e reconstrução.

Desse modo, o poema retrata o sofrimento de um sujeito que, ao longo dos setenta e cinco versos da composição, não recebe um nome próprio, sendo identificado apenas como "el negro". A ausência de nome e de individualização transforma essa figura em representação coletiva, permitindo que ela simbolize diferentes sujeitos marcados por processos históricos de violência, deslocamento e expropriação. Assim, o personagem pode ser associado às

experiências de homens e mulheres africanos e afrodescendentes que tiveram seus territórios invadidos, saqueados e devastados pelos processos coloniais europeus.

O território Afropacífico da Colômbia foi constituído durante o período colonial por pessoas escravizadas trazidas do continente africano por colonizadores espanhóis, bem como por indivíduos negros que conquistaram sua liberdade do regime de exploração mineradora a que estavam submetidos (Neto, 2022). Nesse contexto, o sofrimento tratado na composição poética supramencionada alude, ainda que indiretamente, às vivências dos ancestrais dos afrodescendentes pós-coloniais colombianos. Consequentemente, ela atua como uma narrativa lírica que, mesmo ao discorrer sobre um único personagem, pode abarcar uma dor coletiva, já que o percurso versado no poema remete ao fato histórico da colonização colombiana sob uma perspectiva que coincide com as dos cidadãos escravizados.

Considerando que "a identidade historicizada se constrói em parte se apoiando na memória do sofrimento compartilhado" (Candau, 2018 *apud* Banguera; Amim, 2021, p. 371-372), embora o poema de Herrera apresente a amarga trajetória de um personagem específico, a narrativa construída possibilita que diferentes leitores negros, especialmente afro-colombianos, sintam-se subjetivamente representados.

A dor experienciada pelo personagem transcende o plano individual e assume contornos coletivos, permitindo que cada leitor projete sobre ele memórias, perdas e violências historicamente compartilhadas. Assim, ao mesmo tempo que o leitor se reconhece na figura de "el negro", o personagem também passa a simbolizar uma coletividade marcada por experiências semelhantes.

Contudo, ao final do poema, mais precisamente na última estrofe de *Atarrayando el olvido*, surge o pronome oblíquo 'nos', elemento que intensifica a dimensão coletiva do texto ao estabelecer uma relação de pertencimento entre o eu lírico e sua comunidade. Dessa forma, o sofrimento deixa de ser apenas individual e passa a configurar uma experiência compartilhada: "Anda desesperadamente buscando el olvido / olvido que jamás se alcanza / cuando lo que se ha perdido / cuando lo que se **nos** ha arrebatado, / ha sido… ¡el alma!" (Herrera, 2010, p. 227, grifo nosso).

Além disso, ao longo do poema evidencia-se que "el negro" deseja preservar apenas as lembranças anteriores à violência e à devastação de sua terra. O personagem busca, metaforicamente, "pescar" o esquecimento da dor, de modo que permaneçam nas águas da memória apenas recordações associadas à vida, ao pertencimento e à dignidade. Dialoga-se com a reflexão de Evaristo (2008, p. 8-9), segundo a qual "se a história e a memória são reconstruções do passado, será reconstruído aquilo que se deseja novamente erguido". Assim, o sujeito poético tenta impedir que a violência e a destruição

ocupem integralmente sua memória, recusando-se a conservar apenas as imagens de "[...] cuerpos mutilados por el poderío / de una cruel violencia / cuyo rostro, para él, / siempre fue desconocido [...]" (Herrera, 2010, p. 426).

Entretanto, o esquecimento abordado em *Atarrayando el olvido* não se relaciona ao apagamento étnico e identitário historicamente imposto aos povos subalternizados. Pelo contrário, o poema procura impedir que as marcas da violência substituam, na memória coletiva, as referências afetivas, culturais e territoriais que constituem a identidade do personagem e de sua comunidade. Desse modo, o eu lírico tenta preservar a memória daquele "[...] paraíso que fuera su tierra [...]" (Herrera, 2010, p. 426), espaço simbólico que representa pertencimento, ancestralidade e continuidade histórica.

Todavia, na décima terceira estrofe da obra, declara-se ser impossível alcançar o almejado esquecimento, uma vez que a violência responsável pela devastação de sua terra também atingiu profundamente sua subjetividade e sua existência. A partir disso, torna-se possível refletir sobre como as barbáries cometidas contra um território produzem feridas duradouras não apenas na vida de seus habitantes, mas também nas memórias e nas narrativas históricas vinculadas a esse espaço.

Embora tais violências não sejam capazes de abarcar integralmente a história de determinada localidade, passam inevitavelmente a integrar sua trajetória histórica e, consequentemente, a influenciar as formas pelas quais essa região se constitui e se organiza política e socialmente no presente.

Atarrayando el olvido configura-se como um texto que explora a complexa relação entre memória e esquecimento. Para tanto, mobiliza referências explícitas e implícitas ao rio e a elementos a ele associados, por meio das quais se evidencia um traço significativo da cultura afro-colombiana, especialmente da região do Pacífico, de onde também é oriunda a autora.

Além disso, o poema tematiza o sofrimento de um sujeito negro que se vê compelido a deixar sua terra-lar, marcada pela destruição, uma destruição que, embora deseje esquecer, fere profundamente sua subjetividade. A dor desse sujeito articula-se, simultaneamente, em níveis individual e coletivo, ao dialogar com as memórias e as experiências históricas da população afro-colombiana, uma vez que, conforme propõe Maurice Halbwachs (1990, p. 34),

> Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum.

Nesse caso, um dos fundamentos comuns consiste na realidade da

colonização, período em que os ascendentes desses cidadãos colombianos foram forçados a deixar suas terras de origem e submetidos à escravização.

Em *Siempre presentes*, segundo poema analisado nesta parte do trabalho, Lorena Torres Herrera também reflete sobre as tentativas de aniquilação impostas às comunidades negras e africanas. Assim, o título da obra pode ser compreendido a partir da ênfase conferida à resistência de homens e mulheres pertencentes a essas comunidades diante das violências racistas que, historicamente, os cercam.

Todas as estrofes do poema apresentam uma voz poética por meio da qual ressoa o manifesto de uma diversificada diáspora africana, conforme se observa nos versos que inauguram o texto: "Quisieron borrar nuestras huellas, / quisieron silenciar nuestras voces, / pero el cuerpo, cansado, desnudo / y maltratado por el látigo… ¡volvió a levantarse!" (Herrera, 2010, p. 427-428). A menção à voz poética de *Siempre presentes* permite observar a relevância narrativa das pessoas gramaticais mobilizadas no texto, bem como os grupos sociais aos quais elas se vinculam.

Considerando que o verbo querer, conjugado na terceira pessoa do plural do Pretérito Perfeito Simples — "quisieron" —, inicia seis das sete estrofes do poema, tal recorrência constitui o ponto de partida desta breve análise. Embora o pronome pessoal "ellos" permaneça oculto ao longo da narrativa, é com ele que "quisieron" estabelece concordância verbal, ainda que de forma implícita. No poema de Lorena Torres Herrera, esse pronome representa os dominadores que tentaram extinguir as populações negras. Tendo em vista que as terceiras pessoas do singular e do plural se referem àquele(s) de quem se fala, os referidos dominadores configuram-se como meros referentes em um diálogo do qual não participam efetivamente. Desse modo, não atuam nem como emissores nem como receptores das comunicações presentes no material poético.

Em contrapartida, as pessoas negras figuram simultaneamente como remetentes e destinatárias desse poema-discurso. Em outras palavras, constituem as subjetividades centrais da narrativa, os sujeitos dignos de referência explícita: "Porque no hay lugar en el mundo / -terrestre o etéreo- / donde no existan huellas / -profundas y perennes- / dejadas por **la mujer** / **y el hombre negro**" (Herrera, 2010, p. 428-429, grifo nosso).

Portanto, mais do que um recurso estilístico ou uma forma de explicitar objetivos e projetos frustrados, a repetição do verbo "quisieron" constitui o eixo estruturador de estrofes narrativas que retiram dos opressores os lugares de protagonismo historicamente atribuídos a eles.

Em *Siempre presentes*, os indivíduos negros reapropriam-se de seus protagonismos e assumem a centralidade da narrativa. Assim, a composição subverte discursos históricos canonizados nos quais esse grupo étnico-racial costuma ser silenciado ou relegado à condição de coadjuvante de sua própria história, uma vez que se apresenta como a verdadeira força motriz da obra

literária.

De igual modo, as elucidações realizadas por meio dessa composição poética evidenciam que, ainda que submetidas a um sistema social escravocrata no passado colonial, ou racista no presente pós-colonial, sistemas que, em sentido conotativo e denotativo, açoitaram e continuam a açoitar corpos e almas, as coletividades negras mantiveram-se e mantêm-se resilientes, restituindo, narrando e preservando suas histórias. Assim, tais coletividades ratificam que "[...] a luta de um povo para conservar, para retomar a sua memória confunde-se com a luta pela sua emancipação, pela sua autodeterminação." (Evaristo, 2008, p. 8).

O engajamento afro-colombiano pela emancipação, por sua vez, pode ser ilustrado pela luta dos "cimarrones", homens e mulheres que se opuseram categoricamente à condição de escravizados em diversos países do continente americano, evadindo-se e estabelecendo-se em territórios onde lhes fosse possível viver em liberdade. Essa forma de resistência negra consolidou-se sob a denominação de "Cimarronismo" (Lozano, 2016, p. 24).

O texto de Lorena Torres Herrera reconhece as diásporas africanas como legado vivo dessa persistente luta por sobrevivência física, histórica, cultural e intelectual ao afirmar: "quisieron destruir nuestra tierra, / quisieron desbaratar nuestro techo, / pero África, silenciosa, preciosa y latente... / ¡Se multiplicó en todos los continentes!" (Herrera, 2010, p. 428).

Em consonância, no tocante à diáspora africana na Colômbia,

> [...] é importante que la sociedad reconozca a los afrocolombianos más allá de su color de piel [...], las personas afro han aportado, como se ha ido mostrando, en infinidad de conocimiento a la sociedad y en diferentes campos, como la poesía, la literatura y la política no sólo en la danza y la música, [...] el miedo a la diferencia enceguece a los otros y suprimen de su memoria la existencia de los afrocolombianos (Vargas; Rico, 2018, p. 39-40).

A afro-colombianidade refere-se às visões de mundo, às formas de expressão e às práticas culturais que configuram as identidades dos sujeitos negros colombianos e dos territórios que habitam. Nesse contexto, suas produções artísticas e intelectuais frequentemente resgatam, reelaboram e valorizam tradições e crenças de matriz africana, tornando-as profundamente presentes no cotidiano dessas comunidades. Os textos poéticos analisados neste trabalho exemplificam isso, pois aludem às identidades e às trajetórias históricas africanas. Diante disso, é possível reiterar que a África "¡Se multiplicó en todos los continentes!" (Herrera, 2010, p. 428), inclusive no sul-americano.

Apesar de *Siempre presentes* não discorrer especificamente sobre a referida diáspora, seu conteúdo verbal a contempla, uma vez que se centra no

processo histórico da colonização, o qual legou experiências, cicatrizes e memórias compartilháveis por cidadãos negros de diferentes países do continente americano, incluindo a Colômbia. Ademais, seus vinte e sete versos entoam louvores ao continente africano, no qual esse país se encontra irrestritamente enraizado.

Essas raízes são tão expressivas e vívidas que, desde 2002, marcam nos calendários uma data para celebrá-las: 21 de maio, Día de la Afrocolombianidad; e que, segundo Dorival Bonfá Neto (2022), culminaram na Lei nº 70/1993, a qual reconhece como territórios dos afro-colombianos do Pacífico as terras em que eles estão historicamente arraigados.

Ao enaltecer todas as proezas dos filhos da Mãe África, *Siempre presentes* impede que eles sejam esquecidos e que suas revoluções sejam ignoradas ou menosprezadas. Logo, esse escrito contribui para que os personagens históricos africanos e afrodescendentes, bem como seus atos desbravadores, permaneçam vivos nas memórias e nas expressões culturais e identitárias cotidianas de seus descendentes.

Com base nessas análises, sobressai-se que os conteúdos verbais de *Atarrayando el olvido* e de *Siempre presentes* transbordam de um eu subjetivo — Lorena Torres Herrera — imerso em amplas referências históricas e culturais. Assim, o repertório da artista, acadêmica e mulher negra oriunda do Pacífico colombiano impregna os eus líricos dessas obras. Ele os humaniza, demarca-os de modo étnico-racial e os aproxima dos leitores que partilham da mesma identidade diaspórica.

Portanto, esses escritos poéticos concebem os afro-colombianos como coparticipantes de seus textos, isto é, como um eu coletivo. Por meio do reconhecimento identitário, propiciam a esses indivíduos o vislumbre das superfícies e das profundezas de suas memórias, simultaneamente individuais e compartilhadas. Isso porque "a memória coletiva é compreendida/defendida por Halbwachs como processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social" (Da Silva, 2016, p. 252).

Considerando o exposto, infere-se que os versos de *Atarrayando el olvido* e de *Siempre presentes* possuem o potencial de dialogar com as memórias dos indivíduos das comunidades afro-colombianas. Tal qual um ser vivo que se mira e se vê nas águas de um rio à medida que estas refletem seu olhar, o eu subjetivo, o eu lírico e o eu coletivo dessas composições poéticas espelham-se de maneira recíproca, dialógica e interdependente.

3. Escrevivências e comunhão poética

Lorena Torres Herrera é a nascente de seus poemas, uma vez que os versos fluem de sua criatividade artística. No entanto, o fato de emanarem da individualidade da poeta não os restringe a ela, pois, em consonância com as análises anteriores, seus conteúdos verbais também dialogam efetivamente com as memórias coletivas inerentes aos indivíduos do Afropacífico

Colombiano.

Uma das razões, além das já mencionadas, para que poemas provenientes de um eu subjetivo contribuam para a construção e a valorização de uma identidade étnica coletiva reside no fato de que, na Colômbia, o próprio ato de difundir poesia por meio da palavra remete a uma tradição alinhada à comunhão. Acerca disso, o professor de estudos hispano-africanos Alain Lawo-Sukam (2011, p. 40) esclarece:

> [...] el verso afrocolombiano no es reciente sino que remonta a la época de la esclavitud. Los negros esclavos se valieron de la poesía y cantos orales para salvaguardar la memória histórica, la cultura africana, aliviar las penas cotidianas y retar el yugo de la opresión.

Diante disso, expressar-se por meio da linguagem poética afro-colombiana é contribuir para a manutenção de um patrimônio cultural dissociado do individualismo, mas alicerçado na partilha de vivências e de processos de cura. Tais processos são possíveis mediante os encontros físicos entre sujeitos sociais interessados em (re)conhecer os passados e as memórias da comunidade da qual fazem parte. Esse (re)conhecimento é viável em coletivo porque

> o indivíduo isolado de um grupo social não seria capaz de construir qualquer tipo de experiência, assim como também não é possível que mantenha qualquer tipo de registro sobre o passado. Todo o contexto no qual o sujeito está envolto, contribui de alguma maneira para reconstruir os vestígios e impressões de um determinado momento (Da Silva, 2016, p. 251).

Em face do exposto, explicita-se a coerência entre o partilhar poético e o conceito de escrevivência apresentado por Conceição Evaristo. Segundo a autora do termo, a escrevivência diz respeito às construções verbais que partem de uma experiência de vida própria, mas não necessariamente individual (Evaristo, 2017). Os textos frutos do escreviver acolhem, afagam e convidam os leitores a mergulharem no estudo e na escrita de suas histórias e, inevitavelmente, nas histórias dos integrantes das comunidades étnico-raciais às quais pertencem. Essas atividades podem levá-los a (re)estabelecerem contatos e laços com seus legados ancestrais.

Considerando que "[...] ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro" (Souza, 1983, p. 77), os textos poéticos compostos por literatos afro-colombianos podem conter conteúdos valiosos para a compreensão e para o acesso, a manutenção e a reconstrução de uma rica identidade étnica. Isso se deve à relevância do conhecimento acerca do caminhar histórico de seus semelhantes ao longo do processo de

autoconhecimento, de afirmação e de manifestação de vida como pessoa negra.

Portanto, textos como os de Lorena Torres Herrera correspondem a narrativas históricas que promovem acréscimos ao patrimônio cultural da coletividade social de quem os escreve e, possivelmente, de quem os lê. Assim, frustram o projeto hegemônico conhecido como epistemicídio. Diferentemente desse projeto que, conforme exposto anteriormente, situa-se no polo da morte simbólica, a escrevivência situa-se no polo da vida, por constituir-se como ato de resgate e, naturalmente, de ressurreição e de imortalização de heranças identitárias.

As composições *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes* são capazes de acessar lembranças em comum. Essas lembranças propõem conversações — sobre a relação de afeto que os afro-colombianos preservam com os rios do Pacífico, sobre memória e esquecimento, sobre a colonização que as pessoas negras enfrentaram, sobre as potências das diásporas africanas, entre outras — que provocam identificações entre eus líricos e leitores. Dessa forma, evidenciam que "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...]" (Halbwachs, 1990, p. 51). Além disso, porque, metalinguisticamente, elas são resultados materializados das resistências sobre as quais a própria Lorena Torres Herrera versa nessas obras. Ao atingir a memória coletiva, cada um desses poemas, inevitavelmente,

> [...] atrela as imagens de fatos passados a crenças e necessidades do presente. Nesta, o passado passa permanentemente por um processo de reconstrução, vivificação e consequentemente também de ressignificação. Possui como "característica" transformar fatos do passado em imagens e narrativas sem rupturas, isto é, tende sempre para uma relação de continuidade entre o passado e o presente, busca reestabelecer a unidade de todos os aspectos, que com o passar dos tempos representou dentro do grupo, a ruptura. Se caracteriza também pela corrente contínua de pensamento, uma continuidade que não se atém no campo da artificialidade, pois não guarda nada do passado, senão o que está vivo, ou que se encontra na memória do grupo que a contém (Da Silva, 2016, p. 251).

Por essa ótica, compreende-se que, ao utilizar-se da narrativa histórica poética como ferramenta contra a dominação física e intelectual, enfrenta-se e, possivelmente, derrota-se os planos epistemicidas. Do mesmo modo, por intermédio da ressignificação do passado, solidificam-se imaginários sociais que rompem com estereótipos relacionados às pessoas negras.

No livro *Antología de Mujeres Poetas Afrocolombianas* (2010), as obras de Herrera estão dispostas na mesma ordem em que são analisadas e referidas ao longo deste trabalho: *Atarrayando el olvido* precedendo *Siempre presentes*. Desse modo, quando lidas progressivamente, tem-se acesso a

narrativas que se complementam e se validam mutuamente. Para além de uma nova perspectiva sobre temas similares, o conteúdo narrativo do segundo poema pode ser interpretado como desdobramento do evento narrado no primeiro.

Siempre presentes apresenta um tom menos melancólico e mais esperançoso que *Atarrayando el olvido*, ao contrapor cada representação de morte — presente em ambos os títulos — a uma representação de vida. Então, embora esses poemas versem sobre as dores e as destruições causadas pela escravização, quando integrados, transcendem essas temáticas e apresentam novos pontos de vista sobre elas.

Portanto, as leituras desses textos têm o potencial de ampliar a compreensão sobre o mundo por meio do contato com histórias presentes na memória coletiva de uma rica comunidade sociocultural, a afro-colombiana. A partir desse contato, tem-se a oportunidade de ressignificar visões sobre o passado que influenciam diretamente as concepções sobre o presente, uma vez que "[...] é irrecuperável toda a imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela." (Benjamin, 2022, p. 11).

Além disso, esses poemas versam direta e indiretamente sobre os percursos das vidas de pessoas negras a partir das perspectivas das próprias. Considerando, então, que "uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade" (Souza, 1983, p. 17), esses escritos são importantes para as culturas e para as literaturas afro-colombianas porque expõem, por meio do resgate de memórias, dados verídicos sobre os trajetos dos povos afros, os quais ratificam que eles são protagonistas de suas histórias.

Atarrayando el olvido e *Siempre presentes* são poemas-discursos que exteriorizam verbalmente as expressões da autonomia de quem os escreveu, Lorena Torres Herrera, mas também de quem pode acessá-los por meio da leitura.

Em razão disso, esses títulos resguardam na literatura elementos essenciais das trajetórias sócio-históricas dos colombianos de ancestralidade africana, os quais ampliam discernimentos acerca dos múltiplos repertórios de vida que eles possuem. Dessa forma, estudá-los literariamente, entendê-los e difundi-los dentro e fora dos espaços acadêmicos pode contribuir para a apreensão das ricas culturas e expressões afro-colombianas, visto que o interesse por conhecimento gera visibilidade, a qual, por sua vez, torna viável a luta em prol do respeito e da valorização. A esse respeito, Raúl Alfonso Platicón Caicedo (2012, p. 270) assegura:

> Visibilizar nuestra historia, la de los afrocolombianos, es la tarea de "generar conocimiento desde adentro", en otras palabras,

> comenzar a escribir y reescribir sobre nosotros mismos, sobre nuestra cosmovisión, cotidianidades, cuerpos y territorios. Legitimar y generar conocimientos propios de forma endógena implica validar nuestra identidad como herederos de un legado diaspórico [...].

Com base nessa citação, cabe salientar que a significância literária das narrativas históricas de Lorena Torres Herrera também se articula ao valor político intrínseco a elas, haja vista que ambas representam a retomada da palavra historicamente negada às populações negras. A partir da restituição do verbo, escritores e leitores negros em diáspora dispõem da possibilidade de observar, reconhecer, acolher, difundir e reafirmar seus modos de ser e de existir.

Por isso, aproximar-se dessas composições afro-colombianas é reconhecer a capacidade de artistas e intelectuais dessa comunidade de dissertarem humanamente sobre si, por si e para os seus. Ademais, para uma pessoa negra, significa permitir-se ser alcançada, tocada e guiada por conhecimentos enraizados em concepções que possibilitam autoconhecimento, reconhecimento e identificação.

Em virtude disso, e sabendo que "la valoración de la identidad negra pasa también por la descripción, la denuncia y el anhelo de cambiar las duras condiciones de vida del afro-colombiano en una sociedad marcada por el racismo y la desigualdad social" (Lawo-Sukam, 2011, p. 49), esses textos líricos representarem as vozes dos subjugados, materializam gritos diante do silenciamento, presença em que antes havia invisibilização e fontes de saber no lugar da invalidação.

Conclusão

O presente artigo buscou compreender em que medida a literatura poética pode constituir narrativa histórica, bem como analisar o potencial dos poemas *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes*, de Lorena Torres Herrera, de dialogar com as memórias dos sujeitos do Afropacífico Colombiano e contribuir para a valorização de identidades coletivas.

A partir da análise bibliográfica e interpretativa realizada, constatou-se que composições poéticas podem, sim, ser reconhecidas como narrativas históricas, na medida em que possibilitam acessar experiências do passado e compreender suas implicações nos processos identitários e culturais no presente. Tal compreensão se fortalece quando considerada sob uma perspectiva crítica, atenta ao caráter político das narrativas e às disputas de memória que atravessam as histórias das coletividades negras.

Nesse viés, infere-se que *Atarrayando el olvido* e *Siempre presentes* ultrapassam o âmbito lírico ao configurarem narrativas históricas que evocam, ainda que indiretamente, experiências vividas pelos ancestrais

afro-colombianos, cujos desdobramentos permanecem inscritos nas dinâmicas sociais, culturais e políticas contemporâneas.

Ademais, observa-se que as obras mobilizam vozes poéticas que reconhecem os sujeitos negros como participantes e interlocutores dessas narrativas, promovendo um diálogo entre texto e leitor que favorece processos de identificação, reconhecimento e fortalecimento da memória coletiva. Ao evocar vínculos com a terra e com a ancestralidade, os poemas contribuem para reinscrever os sujeitos afrodescendentes em suas próprias histórias.

Desse modo, por meio de uma linguagem literária ancorada em experiências negras, tais produções ampliam as formas de acesso ao passado e tensionam perspectivas hegemônicas, colaborando para o enfrentamento de processos de apagamento histórico. Além disso, reafirmam a poesia como prática coletiva de memória e resistência, vinculada a tradições ancestrais que seguem vivas nas culturas afro-colombianas.

Por fim, destaca-se que o reconhecimento das dimensões literária, histórica, política e cultural dessas obras contribui para a desconstrução de estereótipos e para a valorização das múltiplas formas de existência, resistência e produção de conhecimento das coletividades negras, evidenciando o papel da literatura na reconfiguração das narrativas sobre o passado e o presente.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, Lílian Gonçalves de. Narrativa histórica e narrativa literária: pontos e contrapontos. **BIBLOS**, Rio Grande, v. 17, p. 23-31, jan. 2008. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/95. Acesso em: 20 set. 2022.

BANGUERA, Julián Vivas.; AMIM, Valéria. Guardiãs do passado: a poesia como salvaguarda da memória do pacífico na antología de mujeres poetas afrocolombianas. **Caderno Seminal Digital**. Rio de Janeiro. n. 38, p. 348-380, 2021. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/58183/0. Acesso em: 22 maio 2023. DOI https://doi.org/10.12957/seminal.2021.58183

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. Cap. 1: Sobre o conceito da história, p. 7-20.

CAICEDO, Raúl Alfonson Platicón. Los afropacíficos: herederos de un legado diaspórico en un territorio ignoto. *In:* WALKER. S. S. **Conocimiento desde adentro: los afrosudamericanos hablan de sus pueblos y sus historias**. 2. ed. Cauca: Editorial Universidad del Cauca, 2012, p. 267-342.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha** [S.l.]. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 24 fev. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CUESTA, Guiomar; OCAMPO, Alfredo. **Antología de Mujeres Poetas Afrocolombianas**. 2. ed. Bogotá: Biblioteca de Literatura Afrocolombiana, 2010.

DA SILVA, Giuslane Francisca. A memória coletiva. **Revista Aedos**. Porto Alegre, n. 18, v. 8, p. 247-253, ago. 2016. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/59252. Acesso em: 24 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências da Afro-brasilidade: história e memória. *In*: **Releitura**. Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 5-11, nov. 2008. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista_releitura_v23.pdf . Acesso em: 24 fev. 2023.

EVARISTO, Conceição. 'Escrevivências': a escrita que nasce das vivências [junho 2017]. Ademir Pascale. **Conexão Literatura**, maio 2014. **Revista Digital**. Disponível em: http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2017/10/entrevista-com-conceicao-evaristo.html. Acesso em: 19 mar. 2023].

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Biblioteca Vértice, 1990.

HERRERA, Lorena Torres. Atarrayando el olvido. *In*: CUESTA, G.; OCAMPO, A. **Antología de Mujeres Poetas Afrocolombianas**. 2. ed. Bogotá: Biblioteca de Literatura Afrocolombiana, 2010, p. 424-427.

HERRERA, Lorena Torres. Siempre presentes. *In*: CUESTA, G.; OCAMPO, A. **Antología de Mujeres Poetas Afrocolombianas**. 2. ed. Bogotá: Biblioteca de Literatura Afrocolombiana, 2010, p. 427-429.

KEARNEY, Richard. Narrativa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 2, v. 37, p. 409-438, maio/ago. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/NHRYZHnHWHrR9vDbHxfshTN/?lang=pt. Acesso em: 28 fev. 2023.

LAWO-SUKAM, Alain. (A)cercamiento al concepto de la negritud en la literatura afrocolombiana. **Cincinnati Romance Review**, Texas, n. 3, v. 30, p. 39-52, 2011. Disponível em: https://scholar.uc.edu/concern/articles/9k41zg13t?locale=en. Acesso em: 5 jul. 2023.

LOZANO, Betty Ruth. Feminismo negro — afrocolombiano: ancestral,

insurgente y cimarrón. Un feminismo en — lugar. **Intercídios de la política y la cultura. Intervenciones latinoamericanas**, Córdoba, n. 9, v. 5, p. 23-48, set. 2016. Disponível em: https://revistas.unc.edu.ar/index.php/intersticios/article/view/14612. Acesso em: 15 maio 2023.

NETO, Dorival Bonfá. O território-região afro-colombiano: história e formação social. **Campo-território: Revista de Geografia Agrária**, Minas Gerais, v. 17, n. 44, p. 1-25, abr. 2022. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/63283. Acesso em: 8 maio 2023. DOI https://doi.org/10.14393/RCT164401

NORA, Pierre; KHOURY, Yara Aun. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p. 28, dez. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101. Acesso em: 26 abr. 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VARGAS, María Alejandra Parra; RICO, Julissa Castro. **Afrocolombianidad:** la historia de una cultura resiliente al olvido. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Facultad de Ciencias de la Comunicación, Corporación Universitaria Minuto de Dios, Bogotá, 2018. Disponível em: https://repository.uniminuto.edu/handle/10656/10260. Acesso em: 12 jul. 2023.

Debora Zoletti
Debora Zoletti é estudiosa da Literatura e professora universitária, possui Mestrado (2005) e Doutorado (2009) em Letras Neolatinas pela UFRJ. Atualmente é professora Associada IV de Cultura e Literaturas Hispânicas dos cursos de Licenciatura em Letras do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ e atua como propulsora da educação humanista (ProEH) na Baixada Fluminense, desenvolvendo em parceria com a prof.ª Dr.ª Maristela Pinto o Projeto de Ensino "Sementes que pulsam", desde 2020. Seu campo de especialidade inclui as poéticas da Literatura Hispânica, os estudos intersemióticos e o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras com base na abordagem humanista. Atua no grupo de pesquisa Variação e Uso (VARIUS/CNPq/UFRRJ), nas linhas de pesquisa (I) As literaturas Hispânicas como integração histórica, social e cultural desde o período pós-colonial até a pós-modernidade e (II) Ensino de Língua Materna e Língua Estrangeira (com foco na Literatura Hispânica, sob o viés da Educação Humanista). Atuou como Coordenadora de Área do Programa Institucional de Bolsas a Iniciação à Docência (PIBID) e como Docente Orientadora do Programa Residência Pedagógica de 2012 a 2022, desenvolvendo diferentes projetos vinculando

gêneros do domínio ficcional (literatura e cinema) do universo hispânico à abordagem humanista da educação e ao processo de Letramento em línguas estrangeiras. Hoje, junto com a prof.ª Dr.ª Maristela Pinto, coordena o Subprojeto Pibid Letras-Espanhol: "Espanhol como ponte para uma sala de aula heterogênea e o letramento digital: rompendo fronteiras entre o mundo hispânico e a Baixada Fluminense" desde novembro de 2024. Ainda em parceria com a prof.ª Dr.ª Maristela Pinto, também coordena o Projeto de Extensão Pré-Enem da UFRRJ, do Campus Nova Iguaçu, desde 2025. No âmbito administrativo, já atuou como vice-chefe do Departamento de Letras (2012-2013) e como Coordenadora dos Cursos de Licenciatura em Letras/IM/UFRRJ (2023-2025). Além disso, atuou como presidente das seguintes Comissões: Reestruturação dos cursos de Licenciatura em Letras da UFRRJ, Atividades Autônomas e NDE.

E-mail: drlzoletti@gmail.com
Lattes: https://lattes.cnpq.br/7450008418910171
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1922-4883

Deise Ellen Caetano Maciel
Deise Ellen Caetano Maciel é graduada em Letras, com habilitação em Português, Espanhol e Literaturas, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com conclusão em 2023. Durante a formação acadêmica, integrou o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), entre 2018 e 2020, e o Programa de Residência Pedagógica, entre 2020 e 2022, ambos da CAPES. Nessas experiências, desenvolveu e aplicou propostas didáticas em língua espanhola e com abordagens interculturais críticas, étnico-raciais e interdisciplinares, voltadas às turmas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Defendeu, em 2023, a monografia *Versando Memórias: a literatura poética como narrativa histórica e legado cultural afro-colombiano*, com ênfase nas relações entre poesias, memórias e culturas afro-latino-americanas. Atua como Professora de Linguagens e tem interesse em práticas pedagógicas que promovam a valorização da diversidade cultural e o enfrentamento das desigualdades raciais.

E-mail: deise.ellencaetano@gmail.com
Lattes: https://lattes.cnpq.br/5155346963261350
ORCID: https://orcid.org/0009-0002-1980-7448

Financiamento: Não se aplica
Crédito de autoria (CRediT): As autoras: Conceitualização, Metodologia, Produção de dados, Análise e Interpretação, Escrita e Revisão.
Conflito de interesse: Não se aplica
CAAE: Não se aplica
Declaração de uso de IAG: O artigo não contou com auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAG).